

# **Dr. George Payton, Tradução da Bíblia, Sessão 16, Revisão de questões de tradução e melhores práticas**

© 2025 George Payton e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. George Payton, que ensina tradução da Bíblia. Esta é a sessão 16, Revisão de Problemas de Tradução e Melhores Práticas.

O que eu gostaria de fazer agora é rever algumas das questões sobre as quais temos falado e trazê-las de volta à mente. Mencionamos as questões potenciais que podem surgir. Agora exploramos coisas diferentes, como expressões idiomáticas, metáforas e ideias desconhecidas, e eu queria voltar e retomar o que dissemos no começo para que possamos ver como o que dissemos no começo se conecta com o que acabamos de cobrir, mas também se encaixará no que falaremos nas próximas discussões.

Então, estamos falando sobre desafios na tradução e comunicação desta vez. Esta é a visão geral do que estamos comunicando por meio desta série, e estamos revisando não apenas os problemas, mas também algumas práticas recomendadas sobre como lidar com esses problemas. Como lembramos, há várias qualidades de uma boa tradução, e a primeira é que ela tem que ser precisa. Ela tem que comunicar o conteúdo do texto bíblico, e isso é o primeiro e mais importante em nosso pensamento, mas precisamos equilibrar isso com o uso da linguagem normal e natural e da língua-alvo, a língua para a qual o texto está sendo traduzido.

Tem que ser entendido. Se não for entendido, nós traduzimos? Se eu falo com você em outra língua, você não entende o que estou dizendo, a menos que alguém esteja lá para interpretar para mim e diga, oh, George disse isso em qualquer língua que fosse. E então, se não nos comunicamos, então traduzimos de alguma forma, ou traduzimos bem? A próxima coisa é que as traduções que produzimos para essa comunidade em particular têm que ser aceitáveis para a comunidade.

Eles têm que gostar da língua. Eles têm que gostar do estilo da tradução. Eles têm que ficar satisfeitos com a forma como a tradução foi feita.

Não é certo que todos sempre apreciarão a tradução que foi feita. Mencionei anteriormente que há uma língua na Tanzânia. Eles tinham uma versão mais antiga do Novo Testamento que foi feita por volta de 1900.

Mais tarde, outra agência bíblica, não Wycliffe, traduziu o Antigo Testamento e refez o Novo Testamento, então eles fizeram a Bíblia inteira em cerca de cinco ou seis anos, muito, muito rápido. Mas as pessoas não gostam da tradução. E eu falo com elas, por que vocês não gostam? Eu não sei, nós simplesmente não gostamos.

Então, as pessoas não estão usando. Então, eles fizeram bem o seu trabalho? Não se ele ficar na prateleira e não se as pessoas não gostarem da tradução por causa do jeito que ela é. Então, isso é uma coisa. Tem que ser aceitável.

Tem que ser o que eles esperam. Se eles esperam uma tradução mais ligada ao grego e ao hebraico, talvez uma linguagem um pouco mais formal, talvez esse seja o estilo do que eles entendem que seja a escritura. Esse é o caso se você trabalha na Ásia, por exemplo, na Índia, ou em um contexto muçulmano ou hindu, e eles podem esperar um alto nível de linguagem.

E se dermos a eles algo que soe como algo no nível de adolescentes ou mesmo crianças, eles podem rejeitar porque não é o que esperavam. Então, sempre precisamos manter as expectativas das pessoas em mente. Deve ser impactante.

Deve atraí-los e comunicar-se com eles de uma forma poderosa. Queremos que seja um produto bonito, mas um produto impactante. E como dissemos, tem que ser de acordo com o que eles estão esperando.

Como sabemos disso? Esta é uma discussão que geralmente acontece no início de um projeto de tradução. O que você quer? Como podemos ajudá-lo a atender às necessidades da sua comunidade cristã? Como podemos então concordar com isso e documentar isso para que todos tenhamos esse entendimento mútuo? E o termo que é usado nos Círculos de Bio-Tradução hoje é um briefing de tradução. Um briefing de tradução é simplesmente um documento que diz, é assim que vamos traduzir, este é o público-alvo, estas são as pessoas que vão traduzir, e isto é o que estamos esperando.

E então, estabelecer as expectativas inicialmente realmente, realmente ajuda para que você saiba o que as pessoas querem, para que você dê a elas, você não dê a elas, mas você as ajude e trabalhe com elas para produzir o estilo e tudo sobre a linguagem que elas querem. E então temos essas metas. E como dissemos, nossa meta é a comunicação eficaz.

Então, estamos trabalhando para fazer uma tradução que seja precisa, natural, clara, aceitável, impactante e alinhada ao público-alvo. Então, esse é o nosso objetivo. Estamos trabalhando para isso.

Eles são ideais. É isso que é uma tradução de boa qualidade. Eles são nosso objetivo.

Mas então, além do objetivo, é o nosso padrão de medição. É o que então verificamos depois de termos feito a tradução. Nem sempre temos que esperar até que esteja completamente finalizada.

Podemos fazer isso em etapas, passo a passo, para que saibamos ao longo do caminho que esse é o estilo de tradução que queremos, que é assim que queremos nossas notas de rodapé e que é assim que queremos que o estilo da página seja disposto. Tudo pode ser soletrado primeiro. Testamos com as pessoas para ver se estamos no caminho certo. E então vamos, e continuamos o processo de tradução.

Outra coisa sobre a qual falamos é por que a Bíblia é tão difícil de traduzir. Por que a tradução da Bíblia é desafiadora? Também falamos sobre uma série de desafios de tradução da Bíblia. E tudo isso decorre do fato de que a comunicação humana é, como poderíamos dizer, enigmática. É subespecificada.

Não dizemos tudo o que poderíamos dizer. A economia da linguagem é realmente muito apreciada. Então, se eu disser a você que Dallas venceu o jogo no domingo, estou deixando de fora muitas informações.

Primeiro de tudo, o que é Dallas, e o que é um jogo? De que jogo você está falando? Certo? Mas se você sabe que estou falando dos Cowboys, então você sabe que estou falando de futebol, e você sabe que os jogos são jogados no domingo, e você sabe que eles tiveram uma temporada terrível este ano, e tudo mais, ok? Tudo bem. Mas todos nós usamos uma economia de linguagem porque isso apenas ajuda o fluxo da comunicação. Ajuda a dizer as coisas de forma concisa, sem ser muito prolixo e sem entrar em muitas explicações, porque as pessoas então começam a se desligar se você começar a entrar em muitos detalhes.

Então, dizemos dessa forma para outras pessoas, e elas dizem dessa forma para nós, e também vemos essa mesma coisa na escrita e essa natureza da linguagem. É por isso que falamos sobre a linguagem como comunicação e a tradução da Bíblia como um subconjunto da comunicação no início desta série. Então, dizemos as coisas de forma abreviada, e presumimos que a outra pessoa pode preencher as lacunas.

Se eu disser ao meu amigo que o Dallas perdeu no domingo, presumo que ele saiba tudo o que mencionamos antes, que o Dallas é um time de futebol americano, e é um time de nível profissional, etc. Então, presumo que o cara pode preencher as lacunas. Presumo que a outra pessoa saiba do que estou falando.

E então, nós compartilhamos conhecimento da cultura americana, futebol e detalhes específicos sobre o time. E eu estou aqui em Dallas; é onde eu moro, então se eu disser que Dallas não foi tão bem, é provável que o cara com quem estou falando tenha visto o jogo ou pelo menos estivesse ciente de como eles foram e qual foi o placar. Então, estou presumindo muitas coisas ao dizer que Dallas foi bem no domingo.

E eu estou assumindo que ele sabe do que estou falando, e eu não preciso soletrar tudo. Então o conhecimento compartilhado nos permite ser subespecificados em

nossa linguagem. Esse conhecimento compartilhado pode ser de todos os tipos e tipos diferentes.

Pode ser situacional; pode ser entre mim e outra pessoa, e nós conhecemos a situação. Então, se eu disser à minha esposa, que tal sexta-feira à noite, e ela disser que eu tenho que trabalhar, ninguém mais além de mim e ela sabe do que estamos falando. Mas houve uma conversa anterior que tivemos, ei, podemos sair para jantar na sexta-feira à noite? Não sei, e terei que ver se tenho que trabalhar, etc.

Então, há o conhecimento situacional que eu e a outra pessoa podemos compartilhar, ou que o falante e um ouvinte, ou que o escritor e o leitor podem compartilhar. A linguagem é uma linguagem compartilhada; não apenas falamos a mesma linguagem, mas usamos a linguagem de maneiras semelhantes. Também usamos convenções de linguagem que a maioria das pessoas entenderá.

A linguagem está mudando. Lembro que eu estava na Biola dando aulas lá alguns anos atrás, e fui a um show que era como um show de talentos. O cara que ganhou era um guitarrista incrível.

E então no dia seguinte, eu disse, ei, o que você acha do cara que ganhou o show de talentos? Eu perguntei para esses estudantes da Biola, e eles disseram que ele era ridículo. E eu pensei, nossa, isso é meio duro. Nós não tínhamos a mesma linguagem compartilhada.

Ridículo era um adjetivo, significando que ele se saiu muito bem. Ok, então a linguagem geracional muda, e então você tem que aprender todas essas palavras novas que as pessoas inventaram, como frenemy e outros tipos de coisas. Mas uso compartilhado da linguagem e convenções compartilhadas da linguagem.

Cultura. Todos nós viemos da mesma cultura. Conhecemos os valores culturais.

Sabemos que cultura é o que se espera. Então, esperamos certas respostas. Esperamos que certas coisas aconteçam.

E é o familiar. É o que viemos a conhecer intuitivamente apenas por experimentar isso durante toda a nossa vida. Então, a linguagem é familiar e esperada.

E então todos nós compartilhamos isso. Todos nós temos uma visão de mundo comum. Visão de mundo é algo sobre o qual normalmente não falamos, mas é profundo e interno, e está em todos naquela cultura.

E temos valores similares. Então, uma visão de mundo pode ser valorizada. Uma visão de mundo pode ser o que é verdade sobre o mundo e como percebemos o mundo.

No Ocidente, temos uma visão muito científica do mundo, e podemos dizer ok, você vê o mundo como os cinco sentidos. Sabemos que há outras coisas lá fora, mas temos um sistema de crenças do mundo invisível em geral? Eu sugeriria que não. No entanto, pessoas de outras culturas têm uma visão ampla do mundo invisível.

Então, há diferenças em nossa visão de mundo, mas todos nós compartilhamos isso. Então, temos todo esse conhecimento enciclopédico sobre tantos tópicos diferentes, tantas coisas diferentes que pertencem ao nosso grupo. E então, todos nós compartilhamos isso, e tudo isso permite que a linguagem seja enigmática e não especificada.

Então, o que isso tem a ver com a tradução da Bíblia? As pessoas na Bíblia tinham todas essas coisas que compartilhavam em comum. Nós não somos uma dessas pessoas da Bíblia, então não compartilhamos todas essas informações. Então, quando eles se comunicam na Bíblia, eles estão se comunicando com uma pessoa que está em seu grupo de conhecimento, mas nós não temos isso.

E então estamos 2.000 anos distantes dos tempos do Novo Testamento e ainda mais dos tempos do Antigo Testamento. E essa é uma grande parte do problema com a tradução. E porque não temos esse conhecimento compartilhado, não somos capazes de preencher as lacunas como alguém da nossa própria cultura é.

Então, quando você produz uma versão literal que carrega as palavras do texto, você pensa, oh, bem, todos entenderão. A questão é, há informações suficientes para eles preencherem as lacunas? Essas lacunas não vêm apenas em traduções literais, mas também em qualquer tradução que corra o risco de não ser específica o suficiente para as pessoas que estão lendo o texto. Ok, para continuar, e assim para alcançar uma comunicação eficaz da mensagem bíblica, nós nos esforçamos para preencher as lacunas na comunicação no texto bíblico, ou para olhar de outra forma, estamos tentando remover todos os obstáculos ou barreiras à comunicação o máximo que pudermos.

E fazemos isso intencionalmente e ativamente, por quê? Queremos uma comunicação eficaz. Porque a tradução da Bíblia é fundamentalmente uma ferramenta de comunicação humana. E então queremos uma comunicação eficaz para que as pessoas que recebem a tradução possam se envolver com ela, entendê-la, se beneficiar dela e obter todos os benefícios espirituais, emocionais e intelectuais que obtemos por tê-la em nossa língua e que as pessoas, ao longo dos tempos, obtiveram das escrituras.

Como eu disse, traduções literais frequentemente retêm essas lacunas, e isso resulta em um texto que pode não ser compreendido ou pode não ser natural. E eu descobri

que quando um texto não é compreensível, muitas vezes não é natural. Ou se não é natural, muitas vezes, também não é compreensível.

E então, precisamos nos proteger contra isso. E em alguns casos, dei exemplos em uma palestra anterior onde uma tradução literal pode realmente dar o significado errado. Então, queremos uma comunicação eficaz alinhada com as expectativas das pessoas, e temos que preencher as lacunas para fazer isso.

Então, ao remover essas barreiras, estamos tornando possível para as pessoas absorverem e se envolverem com as escrituras. Muitas vezes, é possível. Às vezes, não é possível remover as barreiras de comunicação, mas na maioria das vezes, é.

E como sabemos disso? Bem, para começar, começando com a tradução da Septuaginta, o Antigo Testamento hebraico do hebraico para o grego aconteceu por volta de 250 a.C., mais ou menos. Certo? Ou 300 a.C. a 250 a.C., quando eles começaram isso. Então, estamos falando de mais de 2.200 anos de história de tradução do hebraico para o grego, e então do grego para todas essas outras línguas, e milhares e milhares de línguas foram traduzidas ao longo dos anos.

Então sim, é possível traduzir a Bíblia efetivamente. Sim, é possível quebrar algumas dessas barreiras. É sempre possível? Não necessariamente, mas na maioria das vezes, a resposta é sim.

E temos a história para nos apoiar e provar isso. Certo, então temos que ajustar as características linguísticas. A maneira como o hebraico ou o grego dizem as coisas não é a maneira como falamos hoje.

Então, nós reformulamos isso. Muitas vezes, precisamos adicionar informações que estão implícitas no texto para que as pessoas possam fazer as conexões entre as palavras e o que é dito versus o que é pretendido. E às vezes há uma diferença entre o que soa e o que realmente significa.

Certo? Mas não é possível superar todas as lacunas colocando coisas no texto ou ajustando ou adaptando o texto. Então, se não é possível fazer isso, o que fazemos? Ou às vezes não é possível fazer bem. Como lidamos com isso? Então aqui estamos, entrando no campo das melhores práticas.

Então, como podemos fornecer informações sem colocá-las no texto? Primeiro, temos o que é chamado de paratextual ou fora do texto. Então, é material suplementar que colocamos no livro da Bíblia, no Novo Testamento ou na Bíblia inteira, mas não está dentro do texto em si. Como o quê? Notas de rodapé.

Colocamos notas de rodapé, e isso pode explicar coisas no texto que são difíceis de entender, mas as pessoas leem a nota de rodapé, e ela diz, oh, a frase endurecer o

coração significa isso. Ou a frase lavou as mãos significa aquilo. E assim, podemos explicar coisas no texto, e às vezes, mesmo se você fizer isso um pouco mais próximo da forma do grego ou do hebraico, isso é especialmente eficaz se você puder explicar em algum lugar.

Se você tem uma tradução literal sem explicação, haverá lacunas por todo o lugar. Então, se você vai fazer uma tradução literal ou algo mais, deixe -me colocar desta forma : com base na forma, mais próxima da forma grega ou hebraica, notas de rodapé são essenciais. Caso contrário, você pode quase garantir que terá lacunas.

E se você tiver lacunas, as pessoas conseguirão ler? E se elas tiverem que trabalhar tanto para entender, elas acabarão desistindo. Pense em você. Quantos de nós realmente querem ler o Rei James? Parece o século XVII.

Simplesmente não podemos. É muito difícil. Então, se for muito esforço, eles não vão.

As notas de rodapé ajudam a aliviar esse fardo do leitor. Segundo, glossários. Você pode ter um glossário de termos.

Você pode ter um glossário de coisas como um templo, os fariseus e a Torá. Você pode ter glossários de lugares. Você pode ter glossários de pessoas.

Você pode colocar uma referência na sua nota de rodapé; veja esta palavra no glossário. Então, usar notas de rodapé junto com o glossário. E, curiosamente, todas essas coisas das quais estou falando, há um certo estilo de tradução que vai evoluir.

Lembro-me de quando tentávamos fazer uma referência cruzada em uma nota de rodapé, veja Temple no glossário. Como você diz isso na língua? Bem, primeiro de tudo, você tem que inventar uma palavra para glossário. E então dissemos novas palavras.

E então aquele glossário no final, nós rotulamos novas palavras. Como você diz veja o templo nas novas palavras? E o que nós dissemos foi para procurar a palavra templo nas novas palavras. Então toda aquela frase se tornou nossa maneira padrão de ter uma referência cruzada.

Agora, se for simplesmente explicar algo no texto, então você pode dizer que a palavra templo significa o lugar onde eles sacrificariam animais a Deus ou o que você quiser adicionar. Mas então, se você quiser uma explicação estendida, então você diria a coisa curta na nota de rodapé, e a coisa longa você pode dizer, procure por essa palavra entre as palavras novas. Introduções de livros.

Introduções de livros são fantásticas para fazer com que as pessoas tenham um quadro de referência para pendurar as coisas que vão ler no livro, para pendurar naquele quadro de referência. Uma colega minha estava traduzindo o Livro de Miquéias com um grupo de pessoas com quem ela trabalhava há vários anos. E mais tarde ela se tornou consultora até que eles o traduzissem, e então ela os consultou sobre o significado de Miquéias.

Ela também estava ao mesmo tempo fazendo seu doutorado no Livro de Miquéias. Então, ela estava estudando em grande detalhe a estrutura de Miquéias, a maneira como ele é montado, as funções retóricas, o que Deus estava tentando dizer por meio de Miquéias, todas essas coisas. Então eles passaram e traduziram, e tudo tinha sido traduzido corretamente.

E ela disse, vocês entendem do que Micah está falando? E eles dizem, bem, nós escrevemos esta pequena introdução, e eles leram a introdução. Ela disse, ok, isto é o que eu encontrei na minha pesquisa. Este é um exemplo de um caso judicial onde Deus está trazendo acusações contra a nação de Israel, contra Israel no norte, e contra Judá no sul. E é como se ele os estivesse trazendo diante dos anciãos para julgá-los nesta cena do tribunal.

E ele está tentando porque eles foram infiéis a ele como uma esposa pode ser infiel ao marido. E eles disseram, sério? Nós não teríamos conseguido isso se você não nos dissesse isso. Eles disseram que precisamos reescrever a introdução.

E então, eles reescreveram a introdução. E então acabou ficando com duas ou três páginas. Mas eles disseram que nosso povo precisa saber disso.

E quando eles leem a introdução primeiro, isso então faz o trabalho pesado de orientá-los sobre o que está acontecendo. Quando você lê o Livro de Miquéias, você não tem ideia de quando ele foi escrito. Você não tem ideia de quem o escreveu.

Você não tem ideia de quais foram as circunstâncias por trás disso, o que os motivou a escrever. Você não tem ideia do que o escritor queria que as pessoas fizessem diferente. Nenhuma dessas coisas aparece quando você simplesmente pula e lê o Livro de Miquéias.

Mas introduções de livros podem fazer isso para comunicar e dar a eles um quadro de referência antes do tempo. Lembro-me de quando traduzíamos para a língua orma, recebíamos essas introduções de livros, e elas eram longas e técnicas. E você fica pensando, nossa, como podemos traduzir essa introdução de livro para orma para que essas pessoas possam entendê-la? No fim das contas, meus filhos tinham uma Bíblia de estudo NIV para crianças que tinha introduções curtas de livros.

Eles eram concisos, mas também eram completos. E então eu disse, ei, podemos traduzir isso para Orma para uma introdução de livro? E eles disseram, sim. E foi isso que fizemos.

Não é que os Ormas sejam crianças. É que a linguagem que era usada em uma Bíblia normal é muito, muito difícil de traduzir. Então, traduzibilidade é algo realmente importante.

Então, nós temos essas introduções de livros. Ok, referências cruzadas, como eu disse, gramática correta, por assim dizer, veja esta palavra no, mas também, o que você faz quando quer que eles procurem outro versículo? Você não pode ter CF Romanos 5:17. O que você faz? Então tivemos que descobrir uma maneira de dizer isso de uma forma, ou procurar ou olhar ou pesquisar. Então, a referência tinha que ser clara: o livro de Romanos 5:17 ou uma referência ao Antigo Testamento.

O que você faz quando tem uma referência no Antigo Testamento, mas não tem o Antigo Testamento? Isso é muito difícil, na verdade. Sim, então as referências cruzadas podem ajudá-los, e então eles podem comparar. Pois se você tem um versículo em Marcos, que também é refletido nos outros Evangelhos sinóticos, como Mateus e Lucas, então você pode dizer, veja Mateus aqui e Lucas ali.

Isso é algo útil, e assim eles podem fazer uso das escrituras. Isso pode ser feito em uma nota de rodapé. Às vezes, é feito abaixo de um título de seção, onde eles têm a passagem em Marcos, e então entre parênteses abaixo do título da seção, você tem as passagens de Mateus e Lucas e vice-versa.

E novamente, títulos de seção. Títulos de seção podem ser outra ferramenta útil. Títulos de seção são muito complicados.

Olhei para a Bíblia em inglês e, olhando Atos, vi uma que dizia, em Éfeso. Desculpe, em Éfeso. O que isso nos diz sobre o que está por vir no texto? Não muito, na verdade.

Não entendi muito do título da seção. Mas a questão é: o título da seção os prepara para o que está por vir? Paulo visita Êxodo. Algo assim seria mais comunicativo.

Então, queremos títulos de seção comunicativos. Além disso, qual é a gramática dos títulos de seção? E frequentemente em inglês, dizemos, Paul visits, ou Paul is visiting, ou Paul...yeah. Então, colocamos no presente. Em Orma, eles preferem colocar no passado.

Paulo visitou Êxodo em Éfeso. Novamente, coisas que você não pensa, mas temos que usar os mesmos princípios de tradução de como traduzimos o texto para produzir a informação paratextual também. Então, parte integrante da tradução da

Bíblia é traduzir a informação paratextual que é necessária para que as pessoas preencham as lacunas.

Você pode usar imagens. Normalmente, não colocamos imagens dentro da Bíblia. Poderia ser imagens no fundo, imagens do templo, imagens de Jerusalém, imagens de animais, coisas assim.

Mapas. Mapas podem ser ok. Depende se as pessoas pensam em uma vista aérea quando pensam no mundo e como esse mapa então se conecta à realidade que elas veem do chão e olham ao redor dessa forma.

Então, mapas, você tem que ver, isso é algo bom que as pessoas querem? Então, essas são apenas algumas das informações paratextuais. Provavelmente há outras. Além das informações paratextuais, temos uma categoria inteira de materiais chamada material de engajamento bíblico.

Esses são materiais suplementares fora da Bíblia, coisas que você não coloca na capa do Novo Testamento ou na Bíblia inteira que ajudam a informar as pessoas sobre a Bíblia e a envolver as pessoas sobre a Bíblia. E essas são coisas com as quais você e eu crescemos, e nem pensamos. Como o quê? Como livretos, histórias bíblicas para crianças e material de leitura fácil.

Alguém tem que produzi-los. Portanto, produzi-los junto com o projeto de tradução vai aumentar a compreensão das pessoas sobre a Bíblia e seu interesse nela. Isso as atrai para que se envolvam com as escrituras.

Eu estava na igreja ontem, e o pastor estava falando sobre engajar e fazer as pessoas na igreja lerem suas Bíblias. E ele disse, então eu vou dizer de novo, mesmo que vocês se cansem de eu dizer isso repetidamente. Todo pastor na América luta para fazer as pessoas lerem suas Bíblias.

O material de engajamento com as escrituras pode atraí-los e fazê-los se interessar em ler o texto bíblico. Música, canções. Você se lembra que John Wesley era um pregador.

Seu irmão Charles Wesley era um compositor. Uma fortaleza poderosa é nosso Deus. E naqueles primeiros anos, quando as pessoas não eram leitoras, nós cantávamos nossa teologia.

Então, a teologia da música nos ensinou sobre a Bíblia. Outra coisa que Charles disse a John é que em 200 anos, ninguém vai se lembrar de um dos seus sermões, mas todos vão se lembrar das minhas músicas. E ele está certo.

Então, ele viveu em, o quê, 1800? E ainda cantamos suas músicas hoje. Então, a música é outra ferramenta de engajamento com as escrituras que podemos encorajar as pessoas a produzir, o que aumenta seu conhecimento das escrituras e seu interesse nelas. Arquivos de áudio.

Você pode ter a Bíblia em um arquivo de áudio. Nunca pensei sobre isso, mas e se você tivesse podcasts ou peças de rádio sobre as escrituras que são tocadas na rádio pública? Poderia ser uma discussão sobre as escrituras. Poderia ser uma explicação.

Poderia ser simplesmente as escrituras naquele idioma local. Há todos os tipos de possibilidades. Há um aplicativo chamado Scripture App Reader, onde se você tiver o texto no idioma local no seu telefone, ele o lerá para você e destacará as palavras conforme as atravessa.

E então essa é outra maneira de envolver as pessoas, o Scripture App Reader. Vídeos. O Jesus Film seria um deles.

As pessoas fizeram todos os tipos de vídeos diferentes sobre conteúdo bíblico, temas bíblicos e histórias bíblicas. Drama. Você não só pode fazer vídeos, mas também pode ter performances ao vivo que encenam as cenas da Bíblia.

Dança. Dança e música andam juntas. E, geralmente, essas formas de arte, como drama, dança, música e canto, não são mutuamente exclusivas.

Todos eles acontecem em um evento similar. Então, se você está cantando, você também está dançando, e você também tem palavras faladas ou coisas assim. Então, outras culturas combinam essas coisas.

Eles sentam e ouvem música sozinhos? Eles fazem isso agora porque temos gravações. E se você quer que as pessoas leiam a Bíblia, coloque-a em áudio e intercale canções cristãs ali, e você venderá seu áudio. Obra de arte.

Quantas vezes vimos obras de arte? Especialmente na Idade Média. Lembre-se da Idade Média, as pessoas não eram necessariamente grandes leitoras. E então, é por isso que você tinha pinturas de cenas bíblicas.

E essas pinturas então contaram a história. Então, a Capela Sistina, pintada por Michelangelo, é a Bíblia inteira de uma ponta da sala à outra ponta da sala, do Gênesis ao Apocalipse. Ele pintou a coisa toda como uma história pictórica gigante da Bíblia.

Então esse é um exemplo de outro tipo de arte. Pode haver arte nessa cultura. Pode não haver.

Não sei. Mas essas são apenas ideias de coisas diferentes que podemos produzir para melhorar a compreensão das pessoas sobre as Escrituras. Outras coisas, livros de leitura fácil.

Houve uma série feita nas United Bible Societies que produziu uma série de leitores que pegariam histórias da Bíblia que eram usadas em uma linguagem simples, e então ficou progressivamente mais avançado no nível de leitura do material. Isso é uma coisa. Aulas de alfabetização.

Ter aulas de alfabetização na igreja ajudará as pessoas a aprender a ler. E então, quando elas aprenderem a ler, elas aprenderão a ler as Escrituras. Essas coisas podem ser feitas.

Estudos bíblicos. Por que não? Estudos bíblicos são um tipo de envolvimento com as Escrituras. E então você tem um material de estudo bíblico que é escrito, e então os grupos podem se reunir, e eles podem estudar as Escrituras juntos.

Em alguns lugares onde as pessoas podem não ser tão pré-alfabetizadas, você ainda pode tocar uma gravação de uma passagem específica e sentar e conversar sobre ela. E esses grupos de escuta são muito, muito populares, mesmo em áreas onde as Escrituras são novas e mesmo em áreas onde as pessoas ainda não são cristãs. E então, ao tocar esse áudio para um grupo de muçulmanos ou um grupo de hindus, eles podem sentar e se envolver com as Escrituras de uma forma segura sem serem vistos como pessoas que estão traindo seu povo, traindo sua cultura e traindo sua religião.

Você pode ter livros sobre a cultura bíblica. Você pode ter um livro com figuras. Este é o templo, e então você pode ter uma explicação do templo.

É assim que o altar se parece, e é isso que eles fizeram com o altar. É assim que um camelo se parece. Então, você pode ter esses livretos que são independentes com os quais as pessoas podem se envolver.

E agora, com tudo sendo digital, você pode até colocar coisas assim no seu telefone. Aleluia. Mas de alguma forma, isso precisa acontecer, certo? Cada uma dessas peças de engajamento nas Escrituras é direcionada a um subgrupo específico da cultura, um público-alvo específico naquela comunidade.

Podem ser adultos. Podem ser crianças. Podem ser homens e pais.

Poderia ser mães e mulheres. Poderia ser para pessoas cristãs. Poderia ser voltado para pessoas que não são crentes.

Tudo isso entra no porquê de você querer fazer essa peça em particular. O que você vai fazer com ela? E para quem é? Então, nosso objetivo é usar nosso material de engajamento com as Escrituras especificamente para essas pessoas. Toda cultura, incluindo a nossa, precisa de materiais de engajamento com as Escrituras para se envolver efetivamente com o conteúdo bíblico, especialmente pessoas que ainda não alcançaram, especialmente grupos de pessoas não alcançadas. E precisa ser parte de todo o projeto de tradução da Bíblia.

Tem que ser parte do ethos. Muitas vezes, nos primeiros anos, não pensávamos sobre o envolvimento com as Escrituras. Pensávamos sobre como precisávamos fazer a Bíblia.

Quando eu estava trabalhando na ORMA, meu objetivo era traduzir as Escrituras para a ORMA. E éramos eu e minha esposa. E minha esposa estava cuidando da família, então, basicamente, era eu.

Então, se eu tivesse que escolher entre o envolvimento com as Escrituras e as Escrituras, as Escrituras tinham precedência por razões óbvias. Mas agora, a forma da Bible Agencies International, FOBI, surgiu com uma declaração que diz que as pessoas precisam de materiais de envolvimento com as Escrituras. Elas precisam de tradução oral.

Eles precisam de áudio. Eles precisam de visuais. E isso deve ser parte de todo programa de tradução.

E então isso é algo comum nos círculos de tradução da Bíblia ao redor do mundo. E então você pode perguntar, quais materiais de engajamento com as Escrituras você produziu até agora? Bem, nós fizemos X, Y e Z. Ou eles podem dizer, você sabe, nós não tivemos a chance ainda, mas nós realmente queremos fazer isso para este grupo de pessoas e aquilo para aqueles. Então nós vemos que o texto bíblico mais o parágrafo mais o engajamento com as Escrituras é necessário para uma compreensão mais completa e plena das Escrituras a fim de preencher aquelas lacunas de comunicação com as quais lutamos quando vamos traduzir a Bíblia.

Quando você deve produzir esses materiais de engajamento com as Escrituras? Essa é uma pergunta muito boa. Então, planeje o momento disso. Em alguns lugares, especialmente em grupos de pessoas não alcançadas, você pode fazer o material de engajamento com as Escrituras antes que a tradução comece.

Fiquei sabendo de um projeto. A equipe do SAL foi trabalhar nessa área específica na Ásia, e já havia alguém lá trabalhando na tradução. E então, eles disseram, ótimo, vamos ajudar essa pessoa.

E essa pessoa não estava realmente interessada em ter ajuda. Certo, então eles já estavam lá há X anos, um ou dois anos, aprendendo a língua e tudo mais. Mas agora que eles não estavam envolvidos com a tradução do Novo Testamento.

Então, eles disseram, ok, vamos trabalhar no Antigo Testamento. E infelizmente, outra agência estava fazendo isso. E eles disseram, nós temos nosso pessoal, obrigado, mas não precisamos da sua ajuda.

Então, eles não tinham permissão para se envolver nisso. Nossa, o que fazemos? Eles também conversaram com as pessoas da tradução com quem trabalhavam. E eles pensaram, bem, talvez devêssemos fazer alguma coisa de envolvimento com as Escrituras.

E então, eles tinham o texto que foi produzido no Novo Testamento. Mas as pessoas ainda não se envolveram com ele. Elas não se envolveram; era muito estrangeiro e muito estranho.

E então, eu vi esse vídeo dessa música que eles fizeram no estilo musical tradicional. E era como uma ode, e estava contando uma história. E a história era sobre Jesus.

Eles não apenas cantavam, mas tinham um jeito específico de dançar. E havia uma fila de pessoas, e elas estavam dançando, e cantando, e dançando, e cantando sobre esse Rei maravilhoso que temos, o Rei da glória, que veio para nos salvar, esse Rei que quer nos ajudar, que quer nos abençoar. Quando as pessoas ouvem isso, quem é esse rei de quem você está falando? Quem é esse Jesus que você mencionou na sua música? E isso as atraiu.

E então eles ficaram interessados, bem, de onde você tirou isso? Bem, nós tiramos isso da Bíblia. E isso os conectou. Então, a igreja começou a decolar por causa do material de engajamento com as Escrituras.

Então, para o engajamento com as Escrituras, não há um tempo para que isso seja feito. E às vezes as pessoas não estão prontas para isso. Mas tem que ser algo que planejamos fazer intencionalmente.

E tem que ser algo que fazemos intencionalmente. Intencionalidade é uma das minhas palavras favoritas. Nada acontece na minha vida a menos que eu coloque na minha lista de afazeres.

E se estiver na minha lista de afazeres, em algum momento, eu vou fazer porque vejo na minha parede. Naquele post-it, estou pensando, droga, eu ainda não fiz isso. Tem que ser intencional, e tem que ser executado.

Tem que ser seguido. Mas não queremos fazer isso só porque deve ser feito. Queremos fazer isso porque valorizamos a contribuição que os materiais paratextuais e de engajamento com as Escrituras acrescentam à mensagem que Deus tem para as pessoas, para que Deus possa falar diretamente com elas.

É disso que se trata. Não apenas comunicação eficaz na língua-alvo, mas também tornar possível que Deus fale diretamente às pessoas de uma forma significativa, de uma forma impactante, de uma forma que as atraia para que suas vidas possam mudar e para que possam ter um relacionamento mais profundo e íntimo com Deus.

Este é o Dr. George Payton, que ensina tradução da Bíblia. Esta é a sessão 16, Revisão de questões de tradução e melhores práticas.